

UM ESTUDO DAS PAIXÕES EM “A HORA E VEZ DE AUGUSTO MATRAGA”¹

Roseli Cantalogo COUTO²,(UNIFRAN)
Vera Lúcia R ABRIATA³ (UNIFRAN)

RESUMO: Este trabalho analisa o conto “A hora e vez de Augusto Matraga”, de João Guimarães Rosa. Os pressupostos teóricos são da semiótica francesa. Pretendemos descrever como os efeitos passionais são construídos no texto.

ABSTRACT: This work tries to analyse the short story “A hora e vez de Augusto Matraga”, by João Guimarães Rosa.. The theoretical presuppositions were taken from French Semiotics. We intend to describe how the passionate effects are constructed in the text.

1. Introdução

Para a teoria semiótica greimasiana, as paixões são “estados de alma” que afetam o sujeito e estão relacionadas com a sua existência modal que envolve o “querer”, o “dever”, o “saber” e o “poder dos sujeitos, porém enquanto o sujeito da ação é modalizado conforme o fazer, o sujeito passional é modalizado pelo ser.

Barros (1988, p.62) distingue as paixões simples, que resultam de um único arranjo modal e decorrem da modalização pelo “querer-ser”, das paixões complexas, que resultam de uma organização de modalidades. Essas paixões prevêem todo um percurso passional. Para Greimas (1981, p.11) o estado inicial do percurso denomina-se espera, a qual pode ser simples ou fiduciária. Na espera simples o sujeito quer a conjunção ou disjunção com o objeto valor, mas nada faz para isso. Na espera fiduciária o sujeito de estado confia que pode obter a ajuda de outro sujeito para a realização de suas expectativas, ou para a obtenção de seus valores. Caracteriza-se, assim, pela confiança no outro e em si mesmo, isto é, o sujeito do ser espera que o sujeito do fazer o coloque em junção com o objeto, pois, em seu simulacro contratual, o sujeito do fazer está mobilizado pelo “dever-fazer”.Essa será a abordagem deste trabalho.

2. Os estados passionais de Matraga

O sujeito passional que focalizamos neste texto é Nhô Augusto que, no estado inicial da narrativa,crê sempre conseguir tudo o que deseja através da intimidação que exerce sobre aqueles que estão sob seu jugo. Assim, imagina que eles devam se tornar sujeitos do fazer, operando ações que lhe beneficiem, mas, ao longo da narrativa isso se transforma, pois ele não prevê a reação desses sujeitos que se revoltam contra ele. Na esfera social do sertão em que vivia, como sujeito prepotente e autoritário, era regido por paixões de malquerença, e posteriormente quando se torna sujeito humilde passa a ser regido por paixões de benquerença. Dessa forma, sofre uma transformação de estados, tem que conhecer a mansidão e a resignação e reprimir o ódio e o desejo de retaliação:

Quando chega o dia da casa cair – que, com ou sem terremotos, é um dia de chegada infalível, - o dono pode estar: de dentro, ou de fora. É melhor de fora. E é a só coisa que um qualquer-um está no poder de fazer. Mesmo estando de dentro, mais vale todo vestido e perto da porta da rua. Mas, Nhô Augusto, não: estava deitado na cama – o pior lugar que há para se receber uma surpresa má. (Rosa, 1977, p. 332)

No decorrer de seu percurso como sujeito prepotente, ganha muitos inimigos, que ele manipulava por intimidação. Mas ele não é competente para manter esse estado de coisas por muito tempo. Crê que somente seu caráter autoritário é suficiente para enfrentar seus capangas, antes de sair em busca da mulher que o abandonara, mas seus inimigos, movidos pelo estado passional da vingança, levam-no a um confronto de

¹ Este trabalho é financiado pelo Programa *Bolsa Mestrado* da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo.

² Aluna do Programa de Mestrado em Linguística da Universidade de Franca – UNIFRAN/ rcantalogo@hotmail.com

³ Professora - orientadora do Curso de Pós-graduação da Universidade de Franca - UNIFRAN

forças desiguais. Sem saber que vive num mundo regido pela lei do mais forte e, que, naquele momento ele era o mais fraco, pois perdera tudo, até a honra, ele sofre as conseqüências da quebra do contrato fiduciário dos sujeitos que, antes estavam a seu lado, por tê-lo. Assim, é abandonado pelos bate-paus que eram maltratados por ele, além de não receberem o pagamento pelos serviços prestados. Estes aliam-se ao Major Consilva, desde muito seu inimigo. O capiauzinho, que amava a Sariema, por ter sido humilhado no dia do leilão, em que teve que vê-la sendo arrematada por Nhô Augusto passa a querer-lhe mal, a mulher Dionóra, pelo fato de não cumprir seu papel de pai e marido, abandona-o. Nhô Augusto passa, desse modo, a ser o objeto de malquerença de todos os seus algozes. A paixão vingança leva, por fim, muitos deles a “querer-fazer” mal a Augusto. Logo, eles alcançam a satisfação, pensando ter liquidado com a vida do sujeito-objeto Nhô Augusto ao ver seu corpo projetar-se barranco abaixo:

“Não tem mais nenhum Nhô Augusto Esteves, das Pindaíbas, minha gente?!...E os cacundeiros, em coro: - Não tem não! Tem mais não!...”(Rosa, 1977 p. 335)

Nhô Augusto, entretanto, foi recolhido por um casal de pretos que morava no barranco, perto da boca do brejo, onde seu corpo frágil caiu. Pensavam que ele não sobreviveria e começaram os rituais para o enterro quando levaram um susto, vendo-o delirar chamando por Deus.

“Mas na espera, por surpresa, deu-se que Nhô Augusto pôs sua pessoa nos olhos, e gemeu: - Me matem de uma vez, por caridade, pelas chagas de Nosso Senhor...”
(Rosa, 1977 p.336)

Assim, dá-se início ao aparecimento de um outro lado de seu ser, que vai mudar sua relação com o valor que atribuía a seus objetos valores. Augusto passa do “crer poder-ser” ao “saber não poder-ser” um sujeito poderoso. Em seus delírios lembra tudo que foi e fez e entende que o que aconteceu é conseqüência de sua vida de desmandos anteriores:

E, aí, Nhô Augusto se lembrou da mulher e da filha. Sem raiva, sem sofrimento, mesmo, só com uma falta de ar enorme, sufocando. Respirava aos arrancos, e teve até medo, porque não podia ter tento nessa desordem toda, e era como se o corpo não fosse mais seu. Até que pode chorar, e chorou muito, um choro solto, sem vergonha nenhuma, de menino ao abandono. E, sem saber e sem poder, chamou alto soluçando:
- Mãe... Mãe...”(Rosa, 1977, p. 337-338)

Depois de tomar consciência do ocorrido sente a necessidade de confessar. Os pretos trazem um padre que o aconselha a esquecer todo o passado e iniciar nova vida. O sujeito não agüenta o peso de sua consciência e quer livrar-se deste estado, mas, ainda, não sabe como. O padre ensina-lhe como ser perdoado por Deus e chegar à redenção:

“- Fé eu tenho, fé eu peço, Padre...”(Rosa, 1977, p.339)

Instaura-se o estado do crer, a esperança de que será redimido de seus pecados. Barros (1988, p.64-65) afirma que “a esperança é um dos efeitos de sentido da espera relaxada”. Augusto acredita que chegará a sua hora e vez. Movido pela contrição, ajuda a todos, trabalha muito, reza muito, não pensa em mulheres. Segue resignado num estado de espera relaxada, que, conforme Barros (1988, p. 65) resulta da combinação das seguintes modalidades: “querer-ser”, “crer-ser”, “saber poder-ser”:

E tomara um tão grande horror às suas maldades e aos seus malfeitos passados, que nem podia se lembrar; e só mesmo rezando.
Espantava as idéias tristes, e, com o passar do tempo, tudo isso lhe foi dando uma espécie nova e mui serena de alegria. Esteve resignado, e fazia compridos progressos na senda da conversão. (Rosa, 1977 p. 340)

Muda-se para um lugarejo distante com o casal de pretos. Depois de muito tempo, passa por lá o Tião da Thereza – um velho conhecido seu – e traz-lhe lembranças e notícias dos capangas; conta que Quim Recadeiro, seu único camarada fiel, havia sido morto quando tentava uma desforra, que o Major Consilva continuava mandando e sua esposa pensava em se casar na Igreja com seu Ovídio, já que estava viúva, mas a filha caiu na vida.

Por alguns instantes, Augusto pensa em vingança. Passa por um conflito interno, entrando em estado de decepção. A possibilidade de ruptura do contrato fiduciário com um Destinator transcendental ao leva-o sentimento de falta, em que o “querer-ser” entra em conflito com o “saber-poder não não-ser”:

Apenas, Nhô Augusto se confessou aos seus pretos tutelares, longamente, humanamente, e foi essa a primeira vez. E, no fim, desabafou: que era demais o que estava purgando pelos seus pecados, e que Nosso Senhor se tinha esquecido dele!... (Rosa, 1977, p.345)

Assim, Augusto Matruga oscila entre estados de satisfação e confiança e estados de insatisfação e decepções: pensa em organizar-se para realizar a reparação de sua honra ofendida, mas a paixão da benevolência, prevalece, “quer-fazer” bem aos outros, quer ir para céu nem que seja pela força bruta. Vai-se acostumando com os novos sofrimentos, recupera o estado de resignação e contrição.

Até que um dia aparece por aquelas bandas Joãozinho Bem-Bem e o seu bando, que estava fazendo uns serviços por ali. Augusto Matruga torna-se seu anfitrião, aloja-o em sua casa; ganha, assim, sua amizade e respeito.

Suas atitudes com a chegada de Joãozinho Bem-Bem deixam transparecer que está buscando apoio para uma iminente vingança. Sempre se espera que sua metamorfose seja momentânea e que, na devida hora, Augusto vá dar o troco a seus antigos inimigos, já que sempre vivera segundo o código de honra sertanejo. Além disso, seu encontro com Joãozinho Bem-Bem, revela uma simpatia mútua. O sujeito Joãozinho detém a competência para “poder-fazer”, ou seja, ajuda-lo a vingar-se daqueles que tudo lhe tiraram, é “a possibilidade de destruição do ofensor” (Barros, 1988 p.67), mas ele resiste. Matruga rejeita fazer parte do bando, apesar de sentir muita vontade. Partem para continuar a viagem de guerreiros, deixando-o em seu lugar com seus pretos paternos.

Passado muito tempo, Matruga começa a sentir necessidade de mulheres, e o desejo de voltar à vida, sentir prazer. Isso se torna completo dentro dele quando ouve um bando de “maitacas”. Sente que chegara sua “hora e vez”. Então, viaja, deixando para trás os pretos e encontra num lugarejo distante de fim de mundo, o mesmo Joãozinho Bem-Bem e o seu bando, envolvidos em uma briga em que este queria pegar as irmãs de um criminoso para vingar-se. Segundo seu código de honra, o pai deveria assistir à violação de seus filhos e depois seria morto também. Isso serviria de exemplo para qualquer outro que pensasse em reagir contra o seu bando. Nesse tipo de universo, o ponto de honra é o que ordena a violência, ninguém pode, sob pena de ser desrespeitado, suportar uma afronta ou injúria.

Então, Augusto Matruga encontra sua “hora e vez”, quer praticar a justiça, o bem, livrar o velho fraco e indefeso das mãos de Joãozinho Bem-Bem. Para Barros, (1988, p. 67), “a benevolência, interpretada como querer-fazer bem ao outro, tem também a possibilidade teórica de ser definida pelo poder-fazer, que torna o sujeito competente para o fazer da recompensa. É o que ocorre com Augusto quando toma partido da família, duelando com Joãozinho Bem-Bem. Feridos mortalmente, Joãozinho Bem-Bem morre primeiro e Matruga revela-se aos presentes:

“Pergunte quem é aí que algum dia já ouviu falar o nome de Nhô Augusto Esteves, das Pindaíbas!” (Rosa, 1977, p.370).

E ali estava um “meio parente” fazendo o reconhecimento da antiga identidade. E sendo morto em combate, recupera assim a sua honra. Não é um morto comum. O velho que salvara o considera um santo.

“Traz meus filhos, para agradecerem a ele, para beijarem os pés dele!... Não deixem este santo morrer assim...” (Rosa, 1977, p. 370).

Em suma, depois de viver longos anos de espera, à espera de sua “hora e vez”, encontra sua recompensa, pois é o justiceiro que em batalha morre. Reconhece que este confronto o coloca em circunstâncias de igualdade em relação a seu compadre Joãozinho Bem-Bem, restaura a honra e segundo sua crença, vai para o céu, ascende a uma vida superior em que o bem supera o mal. Augusto Matruga morre como herói, epicamente.

3. Referências bibliográficas

BARROS, D. L. P. de. *Teoria do discurso; fundamentos semióticos*. São Paulo: Atual, 1988.

BERTRAND, D. *Caminhos da Semiótica literária*. Bauru, SP: EDUSC, 2003.

FIORIN, J.L. *Elementos de análise do discurso*. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1989.

GALVÃO, W. N. *Mitológica rosiana*, São Paulo: Ática, 1978.

GENETTE, G. *Discurso da Narrativa*. Trad. F. C. Martins. Lisboa: Veja, s.d.

GREIMAS, A. J. “De la colère”. *Documents*. Paris: Groupe de recherches sémio-linguistiques, 1981, n.3, p. 27.

LIMA, S. M. V.D. *Guimarães Rosa: escritura de Sagarana*, São Paulo: Navega Editora, 2003.

NASCIMENTO, E. M. F. dos S e COVIZZI, L. M. *João Guimarães Rosa: homem plural, escritor singular*. São Paulo: Atual, 1988.

ROSA, J. G. *Sagarana*, Rio de Janeiro: J. Olympio, 1977.

SILVA, I.A. *Figurativização e metamorfose: o mito de Narciso*, São Paulo: Unesp, 1995.